

PRÁTICAS EDUCATIVAS E O TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAR LETRANDO

Paula Cesar Camilo; Joseval dos Reis Miranda

Professora da Rede Municipal de Jacaraú, paula.cesarcamilo@hotmail.com; Professor da Universidade Federal da Paraíba, josevalmiranda@yahoo.com.br

Resumo: A presente pesquisa teve por objetivo geral identificar e analisar as experiências de práticas educativas e do trabalho docente de alfabetização e de letramento para as turmas de Educação de Jovens e Adultos e, através da qual, buscou, por meio de objetivos específicos: refletir sobre as situações de alfabetização e letramento que os/as professores/as realizam no trabalho docente; proporcionar aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos refletir sobre o Sistema de Escrita Alfabética e os usos cotidianos; refletir acerca do planejamento e de atividades para os/as educandos da Educação de Jovens e Adultos que incluam a alfabetização e o letramento. Tal percepção foi advinda da análise empreendidas junto aos docentes e discentes da Escola de nome fictício “Caminhos e Saberes”, situada à zona rural, do município de Jacaraú - Paraíba. Utilizamos na abordagem metodológica a pesquisa qualitativa, por meio do estudo de caso, que teve como participantes, três professores/as e nove estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Os instrumentos de coleta de dados foram o questionário e a roda de conversa, uma vez que, os mesmos permitiram resultados mais significativos e passíveis de interpretação. A costura teórica e metodológica entre as vozes de educadores/as e educados/as, feita à luz do que viemos afirmando, que o trabalho docente de alfabetizar letrando atende mais às peculiaridades da Educação de Jovens e Adultos. Apoiamos nas ideias de estudiosos do campo do letramento, alfabetização e Educação de Jovens e Adultos como: Soares (2010), Kramer (2010), Carbonell (2012), Leal; Albuquerque; Morais (2010), Ferreira (2001), Freire (2011), Barbosa (1994). Os resultados da pesquisa apontam que ainda encontramos situações desfavoráveis, nas quais práticas educativas e o trabalho docente não contribuem para que os processos de alfabetização e letramento não se efetivem. A Educação de Jovens e Adultos necessita de professores/as com formação inicial e continuada adequadas e que compreenda os seus sujeitos constituintes; os resultados também apontam para que os planejamentos bem como as atividades em sala de aula, privilegiem o que o/a aluno/a já sabe, promovendo o encontro dos saberes desse/a aluno/a e o da escola; o estudo mostrou ainda a necessidade de selecionar, encaminhar materiais e atividades que partam da realidade dos/as alunos/as, que essas sejam úteis em seu dia a dia para as atividades de alfabetização e letramento.

Palavras-chave: Prática educativa, Educação de Jovens e Adultos, Alfabetização, Letramento.

Introdução

Quando em um cenário onde a história cultural, social e política não concorrem para que o direito à Educação seja garantido a todos, de maneira igualitária e com qualidade, acabamos por chegar em pleno século XXI com índices de analfabetismo surpreendentes. A Educação de Jovens e Adultos - EJA tem um papel importante nesse âmbito, no sentido de tentar amenizar esses efeitos, assim como prevê o artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, segundo a qual “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”, e esta, recebe jovens, adultos e idosos, com histórias de vida e com vivências diferentes umas das outras e, sobretudo, com anseios diversos.

A expectativa maior e que encontra um ponto comum entre esses alunos, está no desejo de “aprender a ler e a escrever” por variados motivos, mas é aí, também, que reside um grande desafio para os professores da Educação de Jovens e Adultos que, muitas vezes, não têm conseguido atender a essas necessidades e expectativas, principalmente, quando se faz importante levar em conta as práticas sociais da leitura e da escrita que estes mesmos alunos utilizam e, inevitavelmente, levam para a sala de aula.

As exigências que a sociedade faz de seus atores sociais passa pela codificação e decodificação, mas não têm sido suficientes para suprir essas mesmas exigências, uma vez que, ser alfabetizado não torna o aluno praticante dos usos sociais da leitura e da escrita. Mesmo que o educando se aproprie do Sistema de Escrita Alfabética - SEA, o aprendizado quanto à produção e ao uso de gêneros textuais diversificados, são práticas de letramento, processo este, fundamental no contexto atual da sociedade. Daí que, alfabetizar letrando atende as peculiaridades da EJA e as necessidades e expectativas do aluno desta, com as dificuldades postas pelos desafios de estar inserido numa sociedade letrada, de informações rápidas e de tecnologias avançadas.

Nesse intuito, o presente texto é resultado de uma pesquisa realizada durante o ano letivo de 2016 que teve como objetivo geral identificar e analisar as experiências de práticas educativas e do trabalho docente de alfabetização e de letramento para as turmas de Educação de Jovens e Adultos. Tivemos como participantes diretos desta pesquisa três professores/as e nove estudantes da Educação de Jovens e Adultos de uma Escola de nome fictício “Caminhos e Saberes”, situada à zona rural, do município de Jacaraú – Paraíba, que por livre e espontânea vontade se disponibilizaram em participar.

O texto trata, inicialmente, de algumas reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos tecendo a relação dessa modalidade educativa com as questões da alfabetização e do letramento. Em seguida trazemos os dados e informações que a pesquisa revelou com o intuito de que as ponderações aqui anunciadas provoquem “novas” reflexões com vistas ao aperfeiçoamento do trabalho de alfabetizar letrando na Educação de Jovens e Adultos.

Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos

Ao iniciarmos as discussões acerca da Educação de Jovens e Adultos, levantamos vários aspectos que delineiam essa modalidade e as peculiaridades desse público que carregam a diversidade como ponto central, mas são também caracterizados pela experiência de vida, rótulos de fracasso, muitas vezes, bem como têm, na exclusão, um lugar- comum, na qual residem seus modos

de falar, pensar e agir, que vão de encontro à sociedade letrada e excludente daquilo e daqueles que não estão adequados aos seus padrões.

O próprio aluno acredita em um modelo tradicional da escola e não avalia a importância de suas práticas sociais diante da leitura e da escrita, uma vez que, esta mesma escola nem sempre acolhe as suas experiências. Porém, esses alunos e alunas que procuram a escola para que as suas necessidades sejam atendidas, buscam, também, o direito de inserção e participação na sociedade letrada por meio das habilidades de leitura e escrita.

Por esse motivo, é que pensamos valer à pena algumas reflexões acerca das práticas pedagógicas que vêm sendo utilizadas em salas de aula da Educação de Jovens e Adultos no que diz respeito à apropriação da escrita alfabética bem como do eixo de leitura e de oralidade. O que a escola e os professores estão fazendo a esse respeito? Isso levaria a discussões acerca de currículo e de reflexões sérias sobre o público dessa modalidade, em suas necessidades e singularidades que, de tão específicas, nos desafiam a cada planejamento. As práticas pedagógicas são culturais, mas também evoluem diante da necessidade das demandas sociais, evocando, assim, novas práticas pedagógicas.

Dessa forma, e para além das expectativas, é preciso considerar que os alunos que ingressam na Educação de Jovens e Adultos têm experiências diferentes e diversas quanto à bagagem que trazem consigo diante da leitura e da escrita. Alguns chegam conhecendo as letras do alfabeto, como muitos afirmam, e não sabem juntá-las; em outras ocasiões, os alunos dizem que não sabem ler e/ou escrever e utilizam mediadores para tal. Observamos que nas várias situações que se apresentam, existem práticas sociais da leitura e da escrita, o que tem uma valia bastante grande diante do mundo letrado em que vivemos. Todavia, essas práticas não garantem que jovens, adultos e idosos analfabetos, desenvolvam uma autonomia para ler e escrever diferentes textos em contextos variados.

Os Jovens, os adultos e os idosos não alfabetizados apresentam compreensão das funções sociais da língua, pois,

[...] Na lata de leite está escrito o nome de tudo que usaram para fazer o leite, está escrito também como a gente faz para o pó virar leite, e tem o nome da fábrica que fez o leite em pó, e tem o dia que eles fizeram, e tem uns riscos que são o preço. (Pergunta sobre o que está escrito no rótulo de uma lata de leite em pó a uma aluna da EJA.) (COSTA; ÁLVARES; BARRETO, 2006, p. 42).

A escrita está presente em várias atividades do nosso cotidiano e nas quais fazemos uso social. Barbosa (1994, p. 114), diz que “essa escrita em que estamos mergulhados em nosso cotidiano é chamada de escrita social”. Podemos observar que, dessa maneira, é possível a eles frequentarem

um supermercado e encontrarem o produto que desejam. São práticas de letramento que se originam do conhecimento cotidiano e apresenta soluções para as situações de necessidade, ou seja, essas pessoas levam em consideração o contexto em que a escrita aparece.

Nesse sentido, a disposição em lançar mão de estratégias para atender a necessidade do leitor em seu dia a dia diante da gama de gêneros textuais, configura a existência de habilidade desse adulto no que tange à flexibilidade, denotando que há uma variedade de leituras que se adaptam às situações de leitura e às intencionalidades.

Partimos da premissa, então, que não se lê da mesma forma os gêneros e que, antes, o fazemos de maneiras diferentes a depender do sentido que queremos apreender e que, por sua vez, dependerá, também, de fatores tais como nosso interesse e objetivos diante da leitura. A partir daí, entra a nossa discussão em torno da alfabetização na perspectiva do letramento, dois conceitos, inclusive, distintos, mas indissociáveis na prática, uma vez que, diante do que aqui tem sido exposto, aprender a ler e escrever pressupõe alfabetizar, haja vista que seja essa a função maior da Escola.

Assim, alfabetizar alunos da Educação de Jovens e Adultos lança desafios para a Escola e docentes quando estão diante das características e peculiaridades desse público bem como das necessidades e expectativas apresentadas. Mesmo que se configure um panorama no qual a Escola cumpra com seu papel histórico de ensinar, tal fato não tem sido suficiente para abarcar as expectativas da sociedade e tampouco, daqueles que buscam por ela. As experiências que adentram os portões dessa Instituição deverão ser valorizadas e incorporadas às práticas escolares.

Alfabetização e letramento: distintos e indissociáveis

O conceito de alfabetização “[...] consiste na ação de alfabetizar, de ensinar crianças, jovens e adultos a ler e escrever.” (ALBUQUERQUE; MORAIS; FERREIRA, 2013, p. 15), ao passo que letramento “[...] se relaciona aos usos efetivos da escrita em atividades de leitura e escrita de textos, em contextos diversos.” (ALBUQUERQUE; MORAIS; FERREIRA, 2013, p. 18).

A palavra letramento traz um conceito que nomeia os comportamentos e práticas sociais na área da escrita, mas que vai além do domínio do sistema de escrita alfabética. Quando de uma sociedade grafocêntrica, revelou-se que, no sentido de alfabetizar, e no que diz respeito ao processo de codificação e decodificação, existisse a necessidade de uma ampliação que pudesse abranger os

comportamentos e práticas de uso do sistema de escrita, num contexto social em que as mesmas ocorrem. O letramento:

[...] remete para um objetivo fundamental deste trabalho, que é o de contribuir para elucidar questões mais amplas sobre como o ensino de alunos adultos pode oferecer maiores oportunidades de inserção social e cultural a essas pessoas, habilitando-as a fazer usos mais qualificados dos objetos e discursos da cultura escrita, a aumentar sua participação nos benefícios do avanço tecnológico e econômico (CARBONELL, 2012, p.94).

Por muito tempo ficou estabelecido que a pessoa alfabetizada fosse o indivíduo que sabia assinar o próprio nome em detrimento ao que se configurava como analfabeto, este, um indivíduo que não detinha tal habilidade. Em nossa sociedade, as práticas sociais de leitura e de escrita têm se tornado cada vez mais complexas, exigindo habilidades que vão além da codificação e da decodificação.

Com essas breves definições de ambos os processos, é sabido que alunos da Educação de Jovens e Adultos chegam às salas de aula com experiências de letramento e conhecimentos de gêneros diferenciados as quais convivem em seu cotidiano, mas como ressaltamos anteriormente, essas experiências não garantem que estes poderão desenvolver uma autonomia para ler e escrever textos diversos, em diferentes contextos.

Tornar-se alfabetizado, poderia subsidiar o aluno a apropriar-se da escrita alfabética e este seria um conhecimento que é um direito do cidadão, contudo, o aprendizado das funções e usos de gêneros textuais são práticas de letramento e são, também, imprescindíveis no contexto social da atualidade. Portanto, são conceitos indissociáveis e que só surtem o efeito a que se destinam, quando praticados juntos.

Segundo Magda Soares (2010), alfabetizar e letrar são dois processos distintos e que apresentam suas especificidades, pressupondo uma via de mão dupla do trabalho com a aprendizagem da leitura e da escrita, uma vez que, a alfabetização, como uma técnica, onde o indivíduo relaciona e reflete sobre a escrita alfabética, ao passo que, o aprendizado dessa técnica só faz sentido no contexto das práticas sociais de uso da leitura e da escrita. Portanto, esses dois processos são distintos e indissociáveis, haja vista que as suas aprendizagens constituem-se ao mesmo tempo.

O aluno da EJA no contexto da alfabetização e do letramento

Se as expectativas de um aluno da EJA, dentro do que afunilamos em nossa discussão, está, principalmente, em torno de ter garantida a sua aprendizagem da leitura e da escrita, deveremos reafirmar que, diante do que a sociedade espera que este seja capaz de fazer com esta mesma leitura e escrita, devemos admitir que alfabetizar letrando atenderia muito mais estas expectativas.

O aluno da Educação de Jovens e Adultos tem uma visão de mundo rica de experiências de vida e nos quais vários tipos humanos as protagoniza; são homens e mulheres com suas crenças, idades, origens, profissões e ritmos de aprendizagem. A afetividade e a cognição são mais sofisticadas e mais maduras, porquanto que, esses alunos retornam à escola com o intuito de satisfazer suas necessidades e não recuperar o tempo perdido.

Os conhecimentos prévios dos alunos da EJA são uma característica latente e remetem a inúmeros saberes, principalmente, se levarmos em conta a diversidade cultural do nosso país. Esses conhecimentos devem subsidiar, de maneira favorável, a construção de saberes no cotidiano escolar. As salas de aula registram a heterogeneidade que marca as tensões das unidades geracionais, mas que ajuda a construir as várias subjetividades da Educação de Jovens e Adultos. As gerações convivem e influenciam-se mutuamente, construindo e compartilhando, de maneira que afirme cada vez mais sua identidade, um ponto que é próprio dessas turmas. A heterogeneidade traz consigo, sobretudo, o que cada indivíduo tem de particular e o que o torna único, com uma maneira de ser e de ver, completamente única.

Não poderíamos deixar de mencionar que o fracasso escolar pode-se dizer, caracteriza o aluno da Educação de Jovens e Adultos e é recorrente, causando baixa autoestima, em meio às histórias de exclusão e marginalidade na escola regular, muitas vezes, ou mesmo, pelo fato de ter ingressado tardiamente na escola.

O aprender ajuda a revelar uma reafirmação da identidade, da autoimagem, da imagem que se possa ter dos outros. O professor tem papel fundamental para desfazer estigmas, se valendo de práticas acolhedoras, que possam valorizar os saberes dos sujeitos da EJA, em seus conhecimentos prévios, sua sabedoria, bagagem cultural e por meio de atividades que promovam o encontro desses saberes com os saberes da escola.

O letramento pode ser considerado, segundo Carbonell (2012, p.94) “[...] como a base pedagógica da educação continuada porque ele responde diretamente à necessidade humana de desenvolvimento contínuo, independentemente de idade ou nível social.” Quando os alunos da EJA ingressam nessas turmas, verdadeiramente, demonstram o desejo de aprender a ler e a escrever com

autonomia, os textos com as quais convivem, principalmente, e que, diante do que já conhecem compreender como funciona o “juntar das letras”, para que formem as palavras, por exemplo.

Dessa forma, percebemos que as práticas de alfabetização não poderão ser construídas e legitimadas fora do contexto do conhecimento que o aluno apresenta, posto que, a leitura e as produções textuais deverão contemplar as expectativas que estes alunos vivem e trazem para a escola, num encontro que permitirá uma aprendizagem significativa e efetiva do sistema de escrita alfabética, tal qual como este é regido e também em seu funcionamento.

Os discursos que privilegiam o polo do letramento em detrimento da alfabetização nos fazem ter a atenção despertada, uma vez que não poderemos descuidar do ensino que esteja cada vez mais vinculado às práticas letradas, que alcance os estudantes no sentido de que venham a empregar o sistema de escrita e produzam textos escritos. Assumindo a necessidade de distinguir conceitualmente a apropriação da escrita alfabética do aprendizado da linguagem que se usa ao escrever defenderemos “[...] a necessidade de encontrarmos uma didática que, na EJA, alfabetize letrando.” (ALBUQUERQUE; MORAIS, FERREIRA, 2010, p. 28).

Diante da configuração do aluno da Educação de Jovens e Adultos, alfabetizar tem a sua legitimidade, ajuda o sujeito na apropriação da escrita alfabética, na compreensão dos princípios que regem o sistema notacional, enquanto que o letramento dá conta dos usos efetivos da escrita em atividades de leitura e escrita de textos, em diversos contextos. Portanto, alfabetizar letrando dialoga com as peculiaridades da Educação de Jovens e Adultos, posto que atende as necessidades do aluno desta, advindas dos desafios de estar inserido numa sociedade letrada.

O que a pesquisa revelou

A partir das respostas dos docentes e do que expressaram os alunos na roda de conversa, é nosso intuito, aqui, fazer algumas costuras, ligando essas vozes que, no contexto escolar, dialogam, mas nem sempre para se chegar a um entendimento. Os dados coletados trazem à tona, em primeira instância, o que os professores poderiam relatar acerca do seu trabalho pedagógico no processo de alfabetização bem como o que os mesmos conseguem relacionar sobre os processos de alfabetização e letramento. Aqui, a título de ilustração das análises, utilizaremos as falas dos atores participantes, com nomes fictícios, preservando a identidade dos mesmos, uma vez que, nosso intuito maior seja o de nos aprofundarmos das respostas.

As respostas foram várias e, em algum grau, fugiram do proposto; e em outras ocasiões, se aproximaram, mesmo que fragmentados alguns conceitos; pareceu, em alguns casos, que os

docentes sabiam falar sobre, mas não dispunham de práticas reais a respeito dos temas; outras vezes, chegaram a nem saber direito como se processam esses dois conceitos.

Letramento é o estado ou condição de quem não só sabe ler, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive conjugando-as com as práticas sociais de interação oral. (Professor João).

São dois processos distintos onde alfabetizar é o aprendizado da linguagem gramatical, já o letramento é o hábito de ler e escrever. Porém, os dois devem caminhar unidos, já que uma vez que o processo de aprendizagem tem três aspectos: leitura, interpretação e escrita (Professora Marília).

Mais adiante, em se tratando do processo de letramento e sobre alfabetizar letrando, houve uma evidência de que alguns professores compreendem melhor o processo de alfabetização, mas deixa a desejar na definição de letramento e seus desdobramentos no processo de aquisição da leitura e da escrita junto à alfabetização. Alguns delinearão o processo em se tratando do trabalho de gêneros textuais variados, que circulam no dia a dia do aluno, mas falta completar o sentido quando relacionamos esses gêneros às práticas sociais desse mesmo aluno, em contexto real e diversificado, fora da escola.

Dessa maneira, acaba existindo um contraste com as vozes dos alunos no que diz respeito ao professor não se situar nas práticas da leitura e da escrita, uma vez que o aluno quando fala que quer ver nas aulas o que é de seu interesse e, sendo assim, algo familiar e, outrossim, algo que seja útil em seu dia a dia. Ele tem isso bem definido e diz bastante dar-lhes voz.

Tudo que eu aprendi aqui me serve, quando eu saio, eu leio as “coisinha” pra onde eu vou. (Manoel, 52 anos, aluno).

Alguns professores trouxeram características que também marcam a EJA, tal como o preconceito, em face do não domínio das habilidades de leitura e escrita por parte dos estudantes e também acerca da personalidade já mais amadurecida, num breve reconhecimento de que, esse fator poderá vir a ser um divergente nas aulas se não for bem trabalhado por parte do docente. Os alunos, por sua vez, relataram que sentem esse preconceito, principalmente, pelo fato de que, estando inseridos numa sociedade letrada e, mesmo tendo direito escrita, não participam dela.

Arrumar um emprego melhor, porque a pessoa só arruma um emprego melhor se tiver estudo (Joana, 34 anos, aluna).

São pessoas que já formaram sua visão de mundo, pelas experiências vividas e que já tem suas crenças e valores já constituídos (Professor João).

É importante enfatizar que, quando o educando chega à escola, demonstra que sabe melhor o que deseja, e com o passar das aulas, percebe o que faz sentido em sua vida. Por exemplo, quando os professores responderam o que consideravam ser a maior expectativa do aluno da EJA ao se matricular, apesar de nem todos terem ido nessa direção, foi enfatizado o desejo de que os alunos gostariam de aprender a ler e a escrever, o que casa com a maior parte dos relatos obtidos na roda de conversa. Nesse sentido, são apresentados variados motivos pelas quais estes o desejam, mas é unânime, tanto para docentes quanto para discentes que tem sido difícil chegar a uma situação favorável de alfabetização e letramento.

Eu quero aprender a ler. Tão bom, né, a gente saber juntar as “letrinha”? (Dalva, 41 anos, aluna).

Alguns educadores relataram que sentem dificuldades em lançar mão de estratégias para mediar situações que envolvam a aquisição da leitura e da escrita. Mesmo diante de alguns relatos de professores e alunos que não sentem dificuldades, em sua maioria, essas dificuldades existem, haja vista os dados coletados supracitados, quando os professores ainda não apresentam um delineamento do processo de alfabetizar letrando e também porque vários alunos comentaram que ainda sentem dificuldades na leitura e na escrita, mesmo tendo identificação com quem ministra as aulas, uma vez que não ficaram evidentes conflitos de ordem pessoal e a relação professor-aluno é um fator positivo.

Com uma visão superficial e ambígua, os docentes apresentaram dificuldades em esclarecer quais gêneros textuais costumam abordar em suas aulas, haja vista que, para que as práticas de alfabetização e letramento se efetivem, o trabalho com gêneros textuais é primordial, contudo, houve confusão entre gênero e tipologia textual. Outros evidenciaram trabalhos com alguns outros gêneros que tendem a infantilizar o trabalho com turmas da EJA ao passo que outros se aproximaram na ideia de que tentam um trabalho com gêneros em seu planejamento, mas privilegia aqueles que julgam úteis, quando o mais apropriado, seria uma investigação junto à sua demanda para saber o que é de interesse desta.

Os gêneros textuais são informativos, narrativos, narrativo-descritos, textos didáticos e textos literários (Professor João).

Leituras de diferentes tipos de textos, tais como fábulas, contos etc. (Professora Ana Maria).

Na ocasião em que os docentes foram indagados sobre uma prática adequada às turmas da EJA, diante das expectativas de tornar esses alunos leitores e escritores autônomos e competentes,

torna-se um momento em que a reflexão sobre todos esses processos, que poderiam levá-los a efetivar tal faceta em suas turmas, passa por suas respostas anteriores, ou seja, se apropriar dos conceitos, refletir constantemente para a compreensão da realidade das turmas da Educação de Jovens e Adultos, com as tensões das unidades geracionais e que é, também, essa diversidade, que poderá apontar algum caminho a ser seguido, fazendo das vivências e experiências dos educandos um ponto de partida para outras aprendizagens.

Vale ressaltar que muitos alunos têm conhecimentos acerca da escrita, entretanto, não concebem o funcionamento do Sistema de Escrita Alfabética - SEA, como este é regido e isso se liga diretamente ao processo de alfabetização, contudo, é nas práticas de letramento que o aluno compreenderá tal sistema, com a familiaridade dos textos que participa cotidianamente, mas que não o fazem um participante da cultura letrada, uma vez que os padrões o impedem, por não ser este um leitor e produtor de textos escritos.

Lançar mão de estratégias que envolvam a aquisição da leitura e da escrita envolve, sobretudo, um docente com formação adequada e contínua, posto que, um professor que não dá conta de refletir sobre as subjetividades que compõem a Educação de Jovens e Adultos, não conseguirá planejar atividades de quaisquer tipos sem correr o risco de ser surpreendido pelas tensões geracionais, e não conseguir mediar pontos de conflitos provenientes das vivências diversas que convivem e se influenciam mutuamente, de personalidades mais amadurecidas, que sabe o que procura na escola e, dificilmente, permanece nela diante de práticas desconectadas de seu cotidiano mais prático.

O planejamento voltado para a Educação de Jovens e Adultos implica que a diversidade, a heterogeneidade, as unidades geracionais devem incidir sobre planejamentos e ações no contexto educacional que sejam capazes de promover práticas autônomas para com o ensino e a aprendizagem, articuladas com as realidades de jovens, adultos e idosos. O planejamento pensado, intencionalmente, para essa demanda, dá os direcionamentos que podem compreender e abarcar os discursos da sala de aula, contextualizando, os saberes exteriores à escola e os conhecimentos formais; se movimentando e ajudando a escola a abranger as diferenças que permeiam a Educação de Jovens e Adultos. As afirmações de Leal e Morais (2010) asseveram que:

Temos afirmado [...] que o professor precisa ser um mediador do processo de aprendizagem, cabendo a ele planejar situações didáticas, selecionar e criar bons recursos didáticos, avaliar e redimensionar o ensino, fornecer informações necessárias, gerir o tempo e o espaço escolar. No processo de alfabetização, tal mediação vai promover o contato do estudante com a escrita e vai ajudá-lo a construir os conhecimentos de modo gradativo, cabendo ao professor auxiliá-lo a sistematizar o saberes (LEAL; MORAIS, 2010, p.129).

Conhecer as subjetividades que constituem a EJA é importante para que não se infantilize os educandos, seja com os materiais didáticos que contemplam alunos no ensino infantil e fundamental e são transportados para as aulas, criando desinteresse por parte dos alunos, muitas vezes. A diversidade, a pluralidade de ideias, as experiências de vida, os saberes e sabedorias, inevitavelmente, são trazidos para o espaço da sala de aula e, ignorá-los, poderá ser o ponto determinante entre o sucesso e o fracasso no processo de ensino e aprendizagem nessas turmas. O professor deverá encaminhar esses saberes, de senso comum, por um processo de sistematização, de cunho científico. De acordo com Leal (2010):

[...] o aluno, através da interação mediada pela língua escrita, e através dos desafios que o professor propõe, é capaz de refletir sobre como a escrita se constitui. No entanto, é indispensável perceber que não é a atividade em si que conduz ao conhecimento, mas a ação do aprendiz mediada pelas informações e intervenções que o professor realiza durante a atividade, assim como pelas trocas de informações entre as partes (interação entre alunos). Por esta razão, não se pode deixar de refletir sobre a postura que o professor precisa assumir. Nessa perspectiva, o professor apresenta-se como um interlocutor que vai, durante todo o processo, atribuir significados às tentativas de escrita dos alfabetizandos (LEAL, 2010, p. 149-150).

O docente deverá atuar como um mediador, que problematiza, planeja suas aulas cotidianamente, organiza e seleciona os materiais que pretende utilizar. Para finalizarmos, mas sem esgotarmos as reflexões acerca do trabalho docente voltados para as práticas de alfabetização e letramento, e tendo em vista os aspectos observados aqui, enfatizados que é importante que o docente se situe no universo da Educação de Jovens e Adultos para que, se certificando da realidade ao qual esteja inserido, assuma a postura de professor alfabetizador que pauta seu fazer nas práticas de letramento. Alfabetizar letrando demanda do educador um ensino diversificado, que atue na realidade do educando e o ajude, também, a ser agente transformador.

Considerações finais

Possibilitar o aluno a refletir sobre o Sistema de Escrita Alfabética - SEA exigirá do docente, estratégias que levem em conta os conhecimentos dos alunos, advindos de suas experiências antes da sala de aula, requerendo um planejamento que abarque e acolha essas práticas sociais, dialogando, constantemente, com a realidade a qual se destina. Construir práticas pedagógicas nessa perspectiva pressupõe a organização do trabalho pedagógico, a partir do planejamento, com seus elementos constituintes, pensados e refletidos, de forma intencional, com foco na demanda a ser

atendida, mas, sobretudo, com a prática avaliativa, norteadora do processo de ensino e das aprendizagens.

As situações que apresentaram práticas de alfabetização e letramento no trabalho docente estão mais ligadas à teoria que, muitas vezes, está fragmentada ou mal formulada, restando confusões, ora sobre o conceito de alfabetização, ora sobre o conceito de letramento. Quando não concebem adequadamente tais processos, não conseguem planejar atividades que concorram para ajudar o aluno a se apropriar do SEA e tão pouco o ajuda a refletir sobre seu funcionamento. Se às vezes, privilegia-se o polo do letramento em detrimento da alfabetização ou vice-versa, nós corremos o risco de formar pessoas que escrevem e leem sem competência e/ou indivíduos letrados que conhecem o sistema notacional ou aqueles que detendo habilidades de letramento, fazem uso das práticas sociais da leitura e da escrita, porém, sem estarem escolarizadas.

Na escola, por meio das falas dos participantes da roda de conversa, percebemos que os mesmos, ainda não estão familiarizados com os textos que circulam em seu cotidiano, porque a escola não os encoraja e não os ensina que em seu dia a dia existem variados gêneros textuais com as quais lida. De maneira que, o aluno provou nem mesmo saber dizer o que lê e o que escreve, exceto aquilo que determina a escola. Diante disso, não há disposição para que esse aluno reflita sobre o SEA, uma vez que, fora do contexto das suas práticas sociais e apenas por meio de atividades pontuais em sala de aula, dificilmente o aluno conseguirá ter familiaridade com a leitura e a escrita.

Quando o educador planeja sua aula de forma arbitrária, sem conhecer sua demanda, sem levar em conta os conhecimentos que já circulam em sua realidade; obrigando os educandos a realizar tarefas e exercícios mecanizados, dificilmente se estabelecerá êxito quanto à aquisição da escrita e da leitura. No entanto, na escola pesquisada, percebemos uma tentativa que esbarra na falta de planejamento adequado e refletido, com situações não forjadas, que exponha o aluno às situações de contato com a escrita. O professor como mediador, deverá encaminhar o estudante para que este atribua sentido ao ato de ler e escrever, para que o leve a refletir sobre o SEA, levantando suas hipóteses, sobre o funcionamento.

Os gêneros textuais, tão citados, as leituras diversificadas que os professores também citam, são importantes num planejamento, mas não como sendo apenas uma decisão do docente, sem que levar em conta se o gênero está adequado, se é de circulação e de interesse da turma; se não infantiliza os alunos. As atividades a serem escolhidas devem estar contextualizadas e não vazias de

sentido, devem contribuir para que o educando reflita sempre e que, para além da satisfação imediata, em sala de aula, possa ser um aprendizado amplo e conectado com o dia a dia.

Assim sendo, é preciso considerar que a Educação de Jovens e Adultos tem sua peculiaridade forjada na diversidade e na multiplicidade, e isso deve ser respeitado e levado para as práticas pedagógicas que lidam com essa modalidade. Os sujeitos que protagonizam a EJA têm suas subjetividades e esta pluralidade vai direcionar o trabalho, uma vez que, pautada nas diferenças, estas mesmas subjetividades se juntam a outras, num contexto único para que possam dialogar e se complementar; para se desconstruírem e se reconstruírem em meio às singularidades que regem o ensino em questão.

Referências

- ALBUQUERQUE, Eliana Correia de; MORAIS, Artur gomes de; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. A relação entre alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos: questões conceituais e seus reflexos nas práticas de ensino e nos livros didáticos. In: LEAL, Tema Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges de; MORAIS, Artur Gomes de (Orgs.). **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 13 – 30.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.
- CARBONELL, Sonia. **Educação estética na EJA: a beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos**. São Paulo: Telos, 2012.
- COSTA, Elisabete; ÁLVARES, Sônia Carbonell; BARRETO, Vera. **Alunos e alunas da eja**. Brasília: MEC, 2006.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.
- KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2010.
- LEAL, Telma Ferraz. Estabelecendo metas e organizando o trabalho: o planejamento no cotidiano docente. In: LEAL, Tema Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges de; MORAIS, Artur Gomes de (Orgs.). **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 93 – 112.
- LEAL, Telma Ferraz; MORAIS, Artur Gomes de. O Ensino dos princípios do sistema alfabético e de suas convenções. In: LEAL, Tema Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges de; MORAIS, Artur Gomes de (Orgs.). **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 129-151.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.